



## NOVAS TEXTUALIDADES E DISCURSIVIDADES E AS MÍDIAS SOCIAIS: INTERDISCURSOS EM REDE E A CENA GENÉRICA EMERGENTE DA INSTAPOESIA

Lincoln Felipe Freitas  
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

**Resumo:** Partindo de considerações sobre os elementos constitutivos da instapoesia, buscaremos neste trabalho defender a hipótese de que os interdiscursos são um dos elementos constitutivos desse gênero e se apresentam como uma complexa rede de significação, recepção e interação (LÉVY, 1993; TUÃO RAMOS & MARTINS, 2018). Para tanto, apresentamos considerações de cunho teórico para poder compreender como funcionam e o que são os interdiscursos e suas relações com as formações discursivas (PÊCHEUX, 1983, 2009; POSSENTI, 2009; MAINGUENEAU, 2008; 2010). A leitura teórica sobre este tema, nos permitirá analisar os instapoemas de João Doederlein (@akapoeta) e Ryane Leão (@ondejazzmeucoracao), tentando explicitar como os interdiscursos são manejados pelos escritores e quais são seus impactos na leitura/recepção dos textos nos leitores-usuários na rede social Instagram. Creemos que, ao aclarar as noções de interdiscurso, abriremos a compreensão e olhar crítico a um gênero literário emergente na contemporaneidade digital brasileira.

**Palavras-chave:** Cena genérica; Discursos em rede; Instapoesia; Interdiscursividade

*Nuevas textualidades y discursividades y las mídias sociales: interdiscursos en red y la escena genérica emergente de la instapoesía*

**Resumen:** A partir de consideraciones sobre los elementos constitutivos de la instapoesia, en este trabajo defenderemos la hipótesis de que los interdiscursos son uno de los elementos constitutivos de este género y se presentan como una compleja red de significado, recepción e interacción (LÉVY, 1993; TUÃO RAMOS & MARTINS, 2018). Para ello, presentamos consideraciones teóricas para poder comprender cómo funcionan los interdiscursos y sus relaciones con las formaciones discursivas (PÊCHEUX, 1983, 2009; POSSENTI, 2009; MAINGUENEAU, 2008; 2010). La lectura teórica sobre este tema nos permitirá analizar el instapoema de João Doederlein (@akapoeta) y Ryane Leão (@ondejazzmeucoracao), tratando de explicar cómo los escritores manejan los interdiscursos y cuáles son sus impactos en la lectura / recepción de los textos en usuarios en la red social Instagram. Creemos que, al esclarecer las nociones de interdiscurso, abriremos el entendimiento y la mirada crítica a un género literario emergente en la contemporaneidad digital brasileña.

**Palabras-clave:** Discursos en Red; Escena genérica; Instapoesia; Interdiscursividad

## **Instapoesia? – reflexões sobre uma cena genérica emergente**

João Doederlein e Ryane Leão, mais conhecidos nas redes sociais como *@akapoeta* e *@ondejazzmeucoracao* respectivamente, têm sido parte de um fenômeno literário contemporâneo que tem sido chamado pelos meios de comunicação de “instapoesia” (palavra-valise que une *Instagram* e poesia). Neste contexto de expressão literária, Nina Finco afirma que

O Instagram, rede social conhecida pelo apelo ao egocentrismo, tornou-se um refúgio para versos curtos, simples e certeiros. Entre selfies e imagens de pratos de comida, destacam-se micropoemas, escritos à mão, estilizados com fontes serifadas ou ilustrados por traços minimalistas. [...] A maior representante dos instapoetas é Rupi Kaur, indiana de 25 anos radicada no Canadá desde a infância. Ela ganhou fama em 2015, ao compartilhar uma foto (um poema visual) em que sua calça estava manchada de menstruação. A foto foi banida pelo Instagram, e a artista ficou indignada. “Não vou pedir desculpas por não alimentar o ego e o orgulho misógino de uma sociedade que aceita ver o corpo feminino de lingerie, mas não acha o.k. essa marca (de sangue menstrual)”, desabafou. O protesto repercutiu. A rede social acabou pedindo desculpas pelo erro. (FINCO, 2018, on-line)

Como bem apontam Ulisses Oliveira e Bruna Fazano (2019, p. 3), a instapoesia como uma textualidade contemporânea acaba por se inserir em um novo paradigma social, como um subproduto das redes sociais, tornando-se em pouco tempo um gênero digital emergente. Trata-se aqui de uma nova roupagem da poesia que se espalha pela rede de inúmeras conexões que o *Instagram* possibilita. A emergência da instapoesia enquanto um gênero literário digital e contemporâneo fez com que os olhos da crítica, ainda que de cenho franzido, se voltassem para tal fenômeno, extremamente multifacetado e de caráter global.

Segundo Castells (2003, p. 24), a comunicação que prospera na internet está intimamente relacionada com a liberdade de expressão, a criação como sendo uma criação coletiva (já que há a interação constante entre interlocutores), o que faz com que se produza um sistema hipertextual global de interação. Tal globalidade da interação hipertextual se apresenta na instapoesia, ao nosso ver, de forma a construir uma intrínseca relação de produção e crítica que se apresentam completamente imbricados e indissociáveis. A recepção do texto se propõe democrática, facilitada por vias que se pautam na, talvez ilusória, liberdade de emitir-se e julgar toda e qualquer manifestação de pensamento em uma rede social.

Assim, o gênero instapoético se consolidou em um contexto de fácil consumo e velocidade da informação. Os textos curtos propõem a rápida leitura e o enquadramento necessários aos limites impostos pela interface da rede social em que são divulgados. Como ainda apontam Oliveira & Fazano

versos são comumente utilizados na literatura no âmbito da poesia que, no momento presente, está mesclada com a mídia social e os gêneros virtuais em ascensão [...] são comuns ao gênero os versos livres e o minimalismo; quanto à temática, são recorrentes os aspectos relacionados a complexos ideológicos, a exemplo do preconceito racial, de gênero, religioso, a imigração, o universo feminino, o empoderamento e relacionamentos. (OLIVEIRA & FAZANO, 2019, p. 5-6)

As temáticas apresentadas pelos instapoetas fazem com que tais personas se tornem quase como oráculos da contemporaneidade, enunciadores de uma verdade social que é compartilhada por todos, embora negada por muitos. A grande carga ideológica de tais textos e o uso do interdiscurso como matéria fundamental, fazem da instapoesia um gênero artístico que se posiciona no entremeio de diversas esferas da sociedade. É como afirmam Penha Tuão Ramos e Analice Martins, em seu trabalho *Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade*:

Mais do que promover o entretenimento e a comunicabilidade, as redes digitais funcionam como espaços de interação social. Nelas pessoas se (re)encontram, expressam ideologias e promovem mobilizações em prol de um mesmo motivo, seja por solidariedade ou por reivindicação popular. (TUÃO RAMOS & MARTINS, 2018, p. 118)

Percebemos que esse espírito de criação coletiva e engajamento popular tem mexido fortemente com os estratos pré-estabelecidos da crítica e da produção literária no cenário não só brasileiro, como internacional. Nesse espaço da rede social, autores já consagrados pela crítica migram para uma nova dimensão de sua produção, e pessoas comuns se consagram com seus textos de estreia em um ambiente que os comporta (TUÃO RAMOS & MARTINS, 2018, p. 118). O caráter polifônico de construção dos sentidos da instapoesia se estabelece por meio de uma relação não estritamente intertextual, mas amplamente interdiscursiva.

A ideia de uma projeção em rede do texto poético se faz como matéria inovadora na criação artística, em que linguagem, imagem e configuração de postagem constituem um texto, ou melhor, uma projeção hipertextual de um consciente teoricamente coletivo. Chamamos a instapoesia de hipertexto por seu caráter de expansão e configuração como um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LÉVY, 1993, p. 33)

A noção de rede do hipertexto estabelece um *modus operandi* que se pauta na multiplicidade, ou ao menos, na possibilidade de multiplicidade. A instapoesia em sua manifestação (hiper)textual, por mais que lance mão do minimalismo e do texto extremamente curto, carrega em si uma rede complexa de interdiscursos que fazem parte da imaginação coletiva. Nas redes sociais, a discursividade verbal estrita vaza por fronteiras, transgredindo a linearidade, a multimídia se une ao discurso verbal, reafirmando seu caráter hipertextual (SANTAELLA, 2014, p. 209). Tal noção de que a instapoesia se faz com um caráter hipertextual e que opera por meio dos interdiscursos em rede, nos exige apontar algumas considerações de cunho teórico para compreender como se dão tais relações (inter)discursivas de tais textualidades.

Sírio Possenti, em *Observações sobre interdiscurso*, trata de apresentar alguns dos aspectos da noção de interdiscurso em Pêcheux, Courtine e Maingueneau. O objetivo de Possenti em tal trabalho é trazer à baila uma noção da Análise do Discurso (AD) que, por mais que possa parecer aparentemente esgotada, o autor afirma que “[...] não há propriamente, no campo da AD, questões vencidas. E por isso sempre haveria o que dizer também sobre interdiscurso.” (POSSENTI, 2009, p. 154). Nossa ideia em partir de tal texto de Possenti em muito se assemelha à sua constatação. Ao tratar de trazer uma ideia, já muito discutida, sucintamente e comparativamente em três autores da AD, Possenti (2009) nos permite aceder a um panorama maior, que nos possibilitará compreender a noção de interdiscurso e operacionalizá-la em nosso *corpus*. Logo, não buscamos necessariamente debater sobre a definição de interdiscurso, mas apreender como tal fenômeno constitui a produção instapoética de João Doederlein e Ryane Leão.

Possenti inicia sua apresentação trazendo uma definição consensual de interdiscurso na produção de Patrick Charadeau e Dominique Maingueneau. Interdiscurso para tais estudiosos é apresentado, conforme aponta Possenti, de duas formas: em um sentido restritivo, que compreende o interdiscurso como um “conjunto de discursos do mesmo campo que mantém relações de delimitação recíproca uns com os outros” (POSSENTI, 2009, p. 54); e um sentido amplo, em que interdiscurso seria um “conjunto das unidades discursivas com as quais um discurso entra em relação explícita ou implícita.” (POSSENTI, 2009, p. 154).

Possenti busca então entender o “papel crucial do pré-construído.” Tal ideia deflagra a noção de que os sujeitos falam a partir daquilo que já está dito, sendo o interdiscurso ao mesmo tempo uma relação de disposição e imposição. (POSSENTI, 2009, p. 155). Porém, como forma de levar mais a fundo tal questionamento, Possenti afirma que nem todos os discursos pré-construídos estão à disposição do sujeito e de igual modo nem todos esses pré-construídos

trazem relação de imposição, mas sim, determinam o que se pode ou deve dizer em determinada Formação Discursiva (FD). Michel Foucault, considerado um ponto de referência na noção de “Formação Discursiva”, compreende os discursos como uma “dispersão”, escapando à noção de unidade do discurso que se possa ter em uma primeira instância. Caberia à Análise do Discurso descrever a dispersão e como se dá a formação dos discursos e as suas regras de formação. Formação Discursiva para o filósofo, seria a possibilidade de se identificar a dispersão em suas regularidades: ordem, correlações, posições, funcionamentos e transformações entre os objetos e tipos de enunciação, conceitos ou escolhas temáticas. (FOUCAULT, 2012).

Para Pêcheux, em *A análise do discurso: três épocas* (1983), ao se pensar a noção de Formação discursiva, não se pode deixar de debater sobre a atuação do interdiscurso. Para Pêcheux, a noção de formação discursiva

começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu “exterior”: uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob a forma de “preconstruídos” e de “discursos transversos”) (PÊCHEUX, 1983, p. 314)

As FDs não se dão como estruturas homogêneas ou que se fecham em si mesmas, mas antes estão em construção ideológica e atrito constante com outras FDs. Nas FDs tudo é determinado pela constituição sócio-histórica dos discursos e dos sujeitos que atuam no jogo ideológico da FD cujo discurso é reproduzido. Isto é dizer que, para Pêcheux, uma expressão ou palavra não tem um sentido próprio, literal, mas seu sentido se constitui na relação atritante entre palavras e expressões de uma FD em sua relação com expressões e palavras de outra FD. Assim, as mesmas palavras ou expressões podem assumir significados diferentes de acordo com a FD, assim como uma expressão ou proposição literalmente diferente pode assumir dentro de uma mesma FD sentidos semelhantes. (PÊCHEUX, 2009, p. 147).

Nesse ponto temos uma relevante discussão para que tomemos o interdiscurso apenas como aqueles que estão postos antes de todo discurso e são deste constituídos restritos em um todo dominante, independente da FD do sujeito. Tal relação, então, fala mais sobre a formação discursiva que determinaria quais são os pré-construídos que estarão à disposição/imposição do sujeito. Nas palavras de Possenti

De fato, o que “pertence” a uma FD é retomado, afirmado, ou, alternativamente, denegado. Mas o que pertence a outra FD, mesmo fazendo parte do interdiscurso (o que é óbvio, dada a definição), só pode ser recusado, ironizado, parodiado, tornado simulacro. (POSSENTI, 2009, p. 156)

Aí então temos a ideia do interdiscurso como um “todo complexo dominante” frente a afirmação de Courtine (1982 apud POSSENTI, 2009, p. 157) de que o interdiscurso seria “o exterior específico que domina uma FD”, conceito esse que Possenti julga ser, em certa medida, mais operacional. Dessa forma, o autor propõe que para cada formação discursiva haverá um conjunto de pré-construídos possíveis aos quais o sujeito poderá ou deverá recorrer. (POSSENTI, 2009, p. 158)

Vai ser então em Maingueneau que Possenti destacará a maior operacionalidade da noção de interdiscurso. Em Maingueneau, há a busca por determinar o interdiscurso a partir de uma tríade: “universo discursivo, campo discursivo, espaço discursivo” (MAINGUENEAU, 1984, p. 27 apud POSSENTI, 2009, p. 162). Será no âmbito isolado dos espaços discursivos, subconjunto das FDs com pertinência para o analista do discurso, que se procederá o empenho de entender o interdiscurso enquanto categoria operacional de análise.

Em se tratando este nosso trabalho de uma tentativa de compreender como são constituídos os discursos na instapoesia de Doederlein e Leão, não podemos deixar de trazer também uma reflexão acerca da ideia de Maingueneau sobre o “campo discursivo”. Possenti, ao tratar da noção de Maingueneau sobre interdiscurso, rapidamente, aborda a noção de campo discursivo como sendo um

conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo, seja em confronto aberto, em aliança, na forma de neutralidade aparente etc... entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser preenchida. (POSSENTI, 2009, p. 163)

O que nos interessa pensar é que em *Campo discursivo: a propósito do campo literário*, ao pensar a noção de campo discursivo, Maingueneau se atém ao campo literário e afirma que foi levado a transpor a ideia de Bourdieu à ideia de campo discursivo, ou seja, de que a literatura em sua produção não seria diretamente ligada à sociedade considerada de forma global, mas sim em setores limitados de determinada sociedade, obedecendo a regras específicas. (MAINGUENEAU, 2010, p. 49)

Teorizar o campo discursivo literário, um campo em nada homogêneo, segundo Maingueneau (2010, p. 50), seria lançar as relações de instituições no centro da criação, algo que segundo o autor vai totalmente em sentido contrário à estética de criação romântica em que o criador detinha o privilégio da atividade criadora como algo próprio do autor. Cabe ressaltar que tal campo não é estático, mas joga com um “equilíbrio instável.” (MAINGUENEAU, 2010, p. 50)

Maingueneau (2010, p. 51) então busca demonstrar que o campo literário é uma dimensão da instituição literária, na qual ele distingue além do campo, a “rede de aparelhos” em que os escritores seriam definidos como tal e teriam aí a estabilização de contratos genéricos que são considerados como literários, cuja produção se sujeita a intervenções de mediadores, avaliadores legítimos e o cânone, e também o “arquivo”, que seria uma memória literária composta não só de intertextos, diversas obras em alguma biblioteca imaginária, e lendas, narrativas exemplares sobre a criação de obras ou vida dos autores. Tal arquivo é, segundo Maingueneau, acessado e gerido por diversos sujeitos e produções enunciativas, com formações discursivas diversas.

Além disso, é interessante ressaltar que essa ideia de campo literário se constitui de posicionamentos que não têm estatuto equivalente dentro do mesmo campo. Maingueneau define tal relação de posicionamentos não homogêneos como reflexo do campo literário que se constitui de um “centro, uma periferia e uma fronteira”. (MAINGUENEAU, 2010, p. 51). Neste ponto, cada posicionamento se formaria em um subcampo, por exemplo, o subcampo da periferia em relação ao centro. Nesse contexto, “O campo é o espaço em que se definem as trajetórias efetivas dos escritores, que estão constantemente reajustando suas estratégias em função da maneira como evolui sua posição.” (MAINGUENEAU, 2010, p. 52)

### **O caso de João Doederlein e Ryane Leão: o discurso “instapoético” e a interdiscursividade em rede**

O gênero instapoético, como optamos por chamar neste trabalho se justifica pela necessidade de um termo que diferenciasse a instapoesia da poesia como é conhecida nos campos da teoria e crítica literárias. A materialidade e a cena genérica (Cf. MAINGUENEAU, 2008, p. 70) das produções instapoéticas se apresentam em sua constituição de forma híbrida de imagem, texto poético e legendas. Na legenda da postagem, os autores situam um texto paralelo ao da imagem postada, construindo assim a cena genérica muito específica desse fenômeno literário.

Tal hibridismo nos coloca diante de um texto e conseqüentemente, diante de inúmeros discursos e formações discursivas que se configuram como rede, que serão muitas vezes explicitados por meio de comentários dos autores (por meio das legendas) e usuários/leitores, dado aí seu caráter hipertextual. Teremos aí, novamente a construção do gênero instapoético como um gênero em trânsito, ou seja, em constante movimento e inacabamento na situação histórica, social e política que circula.

Trazemos aqui quatro exemplos nos quais podemos considerar que esse gênero literário contemporâneo trata de se construir por meio de interdiscursos e por relações de confronto com discursos constituintes já estabelecidos em nossa sociedade.



Imagem 1. *balbúrdia* (s.f.) - João Doederlein. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bw5VmUUByc8/>

O termo *balbúrdia* foi ressignificado no mês de abril de 2019 por meio de discurso do ministro da Educação, Abraham Weintraub. O ministro, ao falar sobre os cortes financeiros em universidades brasileiras, alegou que as instituições ao invés de procurarem melhorar seu desempenho acadêmico, promoviam *balbúrdia* e aí estaria o motivo dos cortes orçamentários. O termo utilizado pelo ministro ecoou por dias nas redes sociais e suscitou inúmeras manifestações contrárias ao atual governo.

João Doederlein, em sua conta no *Instagram* (@akapoeta) comumente utilizava o gênero verbete como forma de ressignificar as palavras fazendo delas “instapoesia”. Não surpresa foi então a sua publicação do poema *balbúrdia* (s.f.) (Imagem 1), em que Doederlein dá novo significado para o termo utilizado pelo ministro do governo Bolsonaro. A ressignificação do vocábulo *balbúrdia* por Doederlein performa no interdiscurso de Weintraub, formando uma relação conflitante própria de duas formações discursivas em confronto. Assim, @akapoeta constrói em seu instapoema o termo “*balbúrdia*” como sendo a “confusão natural causada pelo encontro de vozes pensantes que (ainda) têm a liberdade de concordar em discordar.” Tal posicionamento do poeta está em consonância com uma formação discursiva tipicamente de esquerda. Isto é dizer que, por meio da interdiscursividade, Doederlein executa



o que seria uma característica das relações entre FDs opostas, já que “[...] o que pertence a outra FD, mesmo fazendo parte do interdiscurso [...], só pode ser recusado, ironizado, parodiado, tornado simulacro.” (POSSENTI, 2009, p. 156)

A referência de Doerderlein às manifestações também gera um efeito de afirmação de sua FD de esquerda. A “balbúrdia” como “som de gente indo pra rua” desafia a FD de Weintraub, o da direita no poder, e faz, por meio do interdiscurso e da construção instapoética, uma forma de manifesto às afirmações do ministro. Retomamos aqui as considerações de Possenti (2009, p. 163) sobre o conjunto das FDs que se encontram em concorrência em uma determinada parte do universo discursivo, ou seja, o campo discursivo. O campo discursivo político, campo em que as FDs de ambos os enunciadores se encontram, é palco de um confronto aberto entre discursos que possuem a mesma função social, porém, divergem sobre o modo que tal função é reafirmada.

É interessante observar que o uso de uma cena genérica aparentemente estranha, permite que Doerderlein transgrida não somente as relações de confronto com FDs e discursos ditos dominantes, mas também com gêneros discursivos estabilizados socialmente. Em uma série de *posts*, Doerderlein faz uso de verbetes – um gênero textual já definido e com suas funções bem estabelecidas – que comumente trazem significados que tratam de desconstruir e ressignificar palavras dicionarizadas. Isto é afirmar que o verbete de um dicionário é geralmente tomado como significado “real”, “verdadeiro”, de uma palavra da língua vernácula. A consulta aos dicionários serve para muitos como fim último de uma dúvida que guia as escolhas lexicais. Ao ressignificar o termo “balbúrdia”, Doerderlein o retira da fala de Weintraub e o significado real da palavra, para lança-la a uma significação que desafie a FDs do ministro e ao mesmo tempo confirme a FD de esquerda do instapoeta.

Do mesmo modo, Doerderlein se posiciona diante de acontecimentos discursivos, como o acontecimento representado pela #15M, que marcou a greve da educação nacional no dia 15 de maio de 2019, contra a reforma da previdência proposta pelo governo Bolsonaro. O instapoeta, em seu *Instagram*, ressignifica também a palavra “educação”, de forma semelhante ao realizado com o termo “balbúrdia” (Imagem 2). É interessante observar que, a este instapoema, soma-se o uso da # (*hashtag*) #15M, em referência direta ao 15 de maio e à greve da educação.

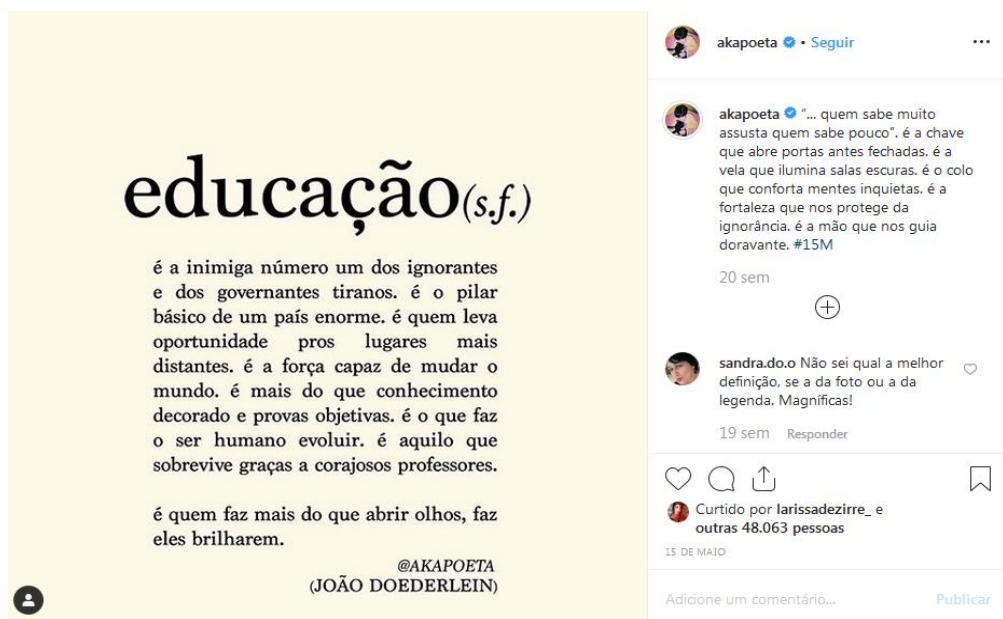


Imagem 2. *educação* (s.f.). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bxf0TwZB6b7/>

Nesta realização instapoética, Doederlein, por meio da interdiscursividade, demonstra outro efeito do interdiscurso como constitutivo do fazer instapoético. Se antes, na ressignificação do termo “balbúrdia” (Imagem 1) traçava-se uma relação de confronto entre FDs opostas dentro do campo discursivo político, com a ressignificação do termo “educação”, @akapoeta mostra a sua FD em uma relação de aliança com as FDs que regem os discursos que estabeleceram o #15M enquanto acontecimento discursivo. É, em outras palavras, não só uma ressignificação da palavra “educação” (Imagem 2), mas também, uma forma de defesa do movimento político em que a educação se estabelece.

Este outro exemplo de análise serviu-nos para operacionalizar a noção do interdiscurso como regente de uma relação não só conflitante entre FDs distintas, mas também de reafirmação e aliança. Possenti (2009, p. 163) reconhece essas duas propriedades das relações interdiscursivas, além de reconhecer também a relação de neutralidade aparente. Mas, como percebemos que a função do gênero instapoético para João Doederlein é constituir a sua FDs de forma declarada como uma FD de esquerda, a relação interdiscursiva de aparente neutralidade não daria conta de afirmar tal FD.

De igual maneira, Ryane Leão (@ondejazzmeucoracao) busca estabelecer relações de aliança do interdiscurso em suas produções instapoéticas. Isso se deve ao fato de que Leão, assim como muitas outras instapoetas, usem tais produções como forma de luta feminista. A FD de Leão se vale então de discursos que corroboram a força da mulher e a necessidade da voz feminina na atuação política e na transformação social.



Imagem 3. *Poema de Ryane Leão 1*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B1C4JE-hQag/?igshid=1kq8jp1rnn4ve>

Ao evocar o discurso de que as mulheres são sempre fortes, Leão constrói seu instapoema (Imagem 3) de forma a ponderar tais afirmações. A noção da mulher forte tenta, por muitas vezes, construir uma representação da mulher que resiste a todo e qualquer ataque devido a sua condição enquanto gênero feminino. Sabemos que este discurso sempre está presente quando o assunto é enaltecer a capacidade da mulher e representá-la como aquela que busca seu espaço por meio de uma característica de força que seria teoricamente imanente ao gênero.

Leão então faz o uso de tais discursos que, embora não especificamente localizáveis em um discurso específico, representam os ecos de FDs que trazem em seu posicionamento a reafirmação de que “toda mulher é forte”. O ato de chamar a mulher “de forte o tempo todo” apagaria a necessidade de se pensar a mulher como alvo de agressões ideológicas constantes. Leão clama por um espaço em que se encare a mulher em suas características mais íntimas, confrontando por meio do interdiscurso a noção da mulher em sua força inabalável. Constrói-se aqui a relação de confronto entre FDs que postula Possenti (2009, p. 163). É necessário, segundo o instapoema de Leão, confrontar inclusive os discursos que aparentemente partem de FDs de indivíduos que lutam pelo reconhecimento da mulher em seu papel social, usando do adjetivo “forte” para estabelecer um parâmetro de exaltação da mulher que desafia a noção do “sexo frágil”.

Embora tal discurso não reproduza ideias de todo erradas, Leão ressalta a necessidade de se considerar todos os ângulos da questão da força feminina. Este caso revela a complexidade das relações interdiscursivas, já que ao mesmo tempo que o instapoema de Leão traz uma relação de confronto com o discurso sobre a mulher como sinônimo de força, também temos aí uma relação de aliança na intercompreensão de que as mulheres além de fortes, têm suas fraquezas que são por muitas vezes ressaltadas ou reafirmadas por discursos da hegemonia machista.

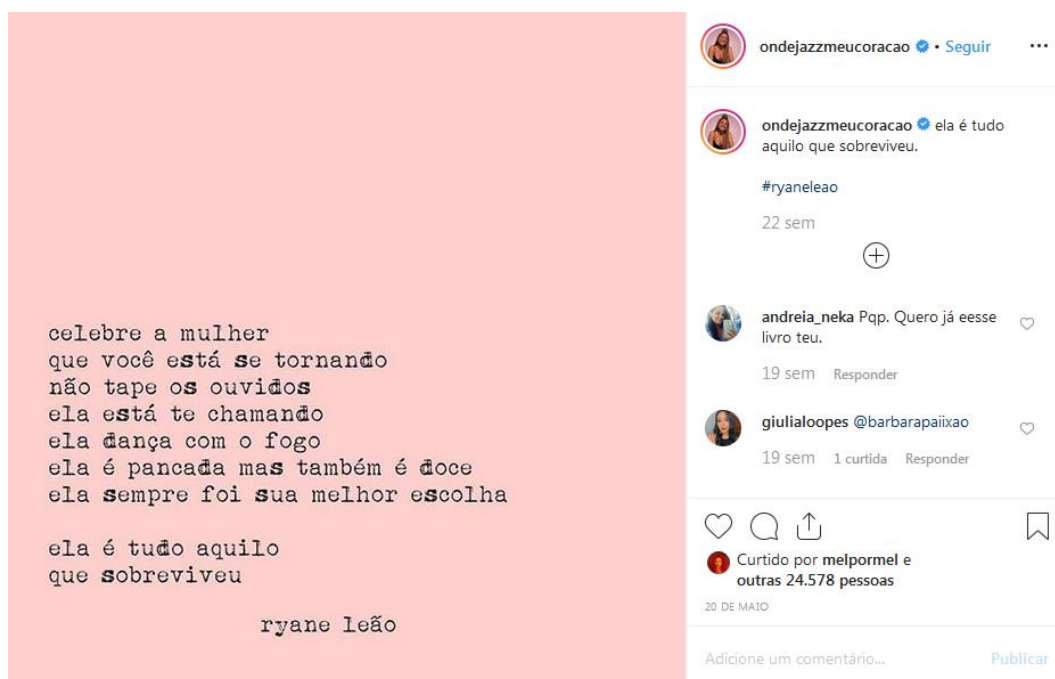


Imagem 2. Poema de Ryane Leão 2. Disponível em: <https://www.instagram.com/B2FEnw2hn04/?ighid=q6rms2he5651>

Indo de encontro com o discutido sobre o instapoema anterior (Imagem 3), Leão, neste segundo instapoema que trazemos para nossa reflexão (Imagem 4), vai de encontro com a afirmação de uma FD de cunho feminista. Afirmamos isto pois é claramente perceptível a relação de aliança do discurso instapoético de Leão com o discurso feminista, representado nesse caso pela figura de Simone de Beauvoir. Em *O segundo sexo: experiência vivida* lemos:

NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. [...] Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos, e não das partes sexuais que apreendem o universo. (BEAUVOIR, 1967, p. 9)

Leão estabelece em seu poema um eco do discurso que se estabelece como monumento principal daquilo que seria o movimento feminista. A instapoeta faz o uso do verbo *tornar-se*,

verbo que é um verbo de estado, mas também de transição, um verbo de movimento existencial, poderíamos dizer. O chamado à mulher que deve reconhecer-se enquanto tal, que não deve tapar os ouvidos, a mulher que não se resume ao sexo biológico, mas que dança com fogo. A mulher que é tudo aquilo que sobreviveu. Na relação interdiscursiva com a FD feminista, Leão situa a sua produção, e isso podemos identificar em ambos os poemas analisados. Neste ponto, o interdiscurso não é somente um efeito resultante e analisável da produção instapoética, mas é, um elemento constitutivo que concebe o interdiscurso como material primeiro da produção literária na rede social *Instagram*.

### **Considerações finais**

Após observarmos como se dão as relações entre interdiscursos e a instapoesia, por meio das análises do *corpus*, podemos confirmar que tal relação se faz como elemento constitutivo daquilo que optamos por chamar de Instapoesia. Retomamos aqui a afirmação de Maingueneau ao dizer que o campo discursivo literário “é o espaço em que se definem as trajetórias efetivas dos escritores, que estão constantemente reajustando suas estratégias em função da maneira como evolui sua posição.” (MAINGUENEAU, 2010, p. 52). Neste sentido, um escritor alocado no movimento literário que chamamos de Instapoesia, agiria de forma a recuperar, por meio dos interdiscursos, noções que ou confrontam ou se aliam à sua formação discursiva, como demonstrado com a FD de esquerda de João Doederlein e a FD feminista de Ryane Leão.

A posição do escritor que atualiza os discursos de FDs que são por vezes diversas da sua, se torna como posição de sujeito discursivo, política, histórica e socialmente situado. A reação dos discursos produzidos por instapoetas constroem uma relação intrínseca com os demais discursos da sociedade e não buscam necessariamente a fonte de uma inspiração criadora que seria a típica da poesia romântica. Tal dimensão do campo discursivo literário instapoético confirma a relação de tal campo com as demais dimensões da instituição literária, transgredindo inclusive o que seriam os contratos genéricos que são, nas palavras de Maingueneau, considerados como literários (MAINGUENEAU, 2010, p. 51).

Consideramos que, compreender as relações de tal produção literária contemporânea no campo dos estudos da Análise de Discurso possibilita a reflexão acerca da importância social e política de tais escritores. A sua atuação em uma rede social que é marcada pelo culto ao egocentrismo faz com que se desestabilizem as relações que traçam os discursos hegemônicos atuantes na sociedade. A defesa da voz poética de FDs consideradas por vezes subversivas se considerarmos os discursos conservadores que dominam todas as esferas da sociedade, da vida

privada à vida pública, se faz necessária e encontra ambiente fértil em um campo justamente marcado pelos embates do ego. No tocante a isso, retomamos as palavras de Rupi Kaur: “Não vou pedir desculpas por não alimentar o ego e o orgulho misógino de uma sociedade que aceita ver o corpo feminino de lingerie, mas não acha o.k. essa marca (de sangue menstrual)” (KAUR apud FINCO, 2018, on-line)

## Referências

AGOSTINI, R. MEC cortará verba de universidade por ‘balbúrdia’ e já enquadra UnB, UFF e UFBA. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30 de abril de 2019. Educação Estadão. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579>. Acesso em: 05 de maio de 2020.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo: experiência vivida**. São Paulo: Difusão europeia do Livro, 1967.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FINCO, N.. O Instagram tornou-se plataforma dos poetas contemporâneos. **Época**, 2018. Disponível em: <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2018/02/o-instagram-tornou-se-plataforma-dos-poetas-contemporaneos.html>. Acesso em: 05 de maio de 2020.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

LÉVY, P. **As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento da informática**. Rio de Janeiro: Ed34, 1993.

MAINGUENEAU, D. Campo discursivo – a propósito do campo literário. In: \_\_\_\_\_ . **Doze conceitos em análise do discurso**. Organização Sírio Possenti, Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva; tradução Adail Sobral et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. **Cenas da Enunciação**. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, diversos tradutores. Curitiba: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, U.; FAZANO, B. O. O gênero *instapoetry* e a inteligência coletiva / *The instapoetry genre and the collective intelligence*. **Revista de Estudos da Linguagem** [S.l.] jan. 2020. ISSN 2237-2083. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/15731>>. Acesso em: 05 maio 2020.

PÊCHEUX, M. A Análise de Discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. (Org). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993. p. 311-318.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

POSSENTI, S. Observações sobre interdiscurso. In: \_\_\_\_\_. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola editorial, 2009, p. 153-168.

SANTAELLA, L. Gêneros discursivos híbridos na rede na era da hipermídia. **Bakhtiniana**. vol. 9, n. 2, São Paulo, ago./dez., 2014, p. 206-216.

**Recebido em: 27/12/2020 Aceito em: 29/03/2021**